

VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES EM SÃO LUÍS E SUA ESPACIALIZAÇÃO

Amanda Ribeiro Bezerra¹

RESUMO

No trabalho discutimos como as violências contra as mulheres modificam suas relações sociais com os espaços, criam impactos sociais, econômicos, políticos e culturais, e explicitam as múltiplas desigualdades socioespaciais. Compreendemos que a espacialização desse fenômeno pode contribuir para o monitoramento e a consolidação das políticas públicas de combate à violência de gênero. Utilizando dados da Vara de Justiça e do Centro de Referência à Mulher em Situação de Violência, investigamos o fenômeno da violência contra as mulheres, suas influências nas relações socioespaciais e sua distribuição nos bairros de São Luís a partir dos casos denunciados pelas vítimas. Consideramos que há de forma reiterada a persistência de mecanismos que colaboram com a manutenção da submissão da mulher na sociedade, na naturalização dos atos violentos cometidos contra elas e na redução da sua cidadania.

PALAVRAS-CHAVE: Violência de gênero. Mulheres. Desigualdades socioespaciais. Espacialização do crime. São Luís.

INTRODUÇÃO

No trabalho discutimos como as violências contra as mulheres modificam suas relações sociais com os espaços, criam impactos sociais, econômicos, políticos e culturais, e explicitam as múltiplas desigualdades socioespaciais. Compreendemos que a espacialização desse fenômeno pode contribuir para o monitoramento e a consolidação das políticas públicas de combate à violência de gênero.

Subsidiados pelas pesquisas de Bondi (1992), Rose (1993), Silva (2003), Lan (2009) e entre outras geógrafas, que afirmam que o espaço geográfico também deve ser compreendido sob a perspectiva de gênero, investigamos o fenômeno das violências contra as mulheres, suas influências socioespaciais e sua distribuição na cidade de São Luís, Maranhão, tendo como pressupostos que a dinâmica espacial da violência está distribuída das mais diversas formas entre os bairros da capital maranhense e, por isso, a análise espacial e o uso dos SIGs devem ser utilizados como forma de monitoramento das violências para ampliar o seu enfrentamento.

¹ Doutoranda em Geografia pela Universidade Estadual de Ponta Grossa. Mestra em Geografia pela Universidade Federal do Maranhão (2021). Graduada em Licenciatura - Geografia pela Universidade Federal do Maranhão (2017). Atualmente desenvolve pesquisas sobre a violência de gênero e o conceito de espaço geográfico, lugar e cotidiano. Correio eletrônico: amandaribeirob@hotmail.com.

PERCURSO METODOLÓGICO

A pesquisa utilizou dados secundários obtidos na 1ª e 2ª Vara Especial de Combate à Violência Doméstica e Familiar contra a Mulher (VEVDFM), analisando processos de medidas protetivas de urgência (MPUs) no período de janeiro a abril de 2008 a 2018, e os dados absolutos do Centro de Referência de Atendimento à Mulher em Situação de Violência do Município de São Luís (CRAM), de 2008 a 2018, juntos totalizando 8.966 casos pesquisados.

Fez-se uso dos Sistemas de Informação Geográfica (SIGs) para discutir o crescimento da violência de gênero e o avanço desta na cidade de São Luís, utilizando o *software* QGIS 3.16 para a produção do mapa e análise espacial, compreendendo, desta forma, a distribuição espacial da violência.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

As violências perpetradas contra as mulheres são capazes de modificar suas relações sociais e espaciais, causar impactos na saúde física e psicológica das vítimas e criar obstáculos não apenas para o rompimento do ciclo de violência, como em situações cotidianas (GÓES, 2019; SIQUEIRA, 2015; TAYLOR, 2011).

Os dados obtidos dos órgãos públicos mostram que as violências psicológica e moral representam a maioria das agressões cometidas, com a tipificação da violência física logo em seguida (Gráficos 1 e 2). Essa quantificação se alinha aos estudos de Ferreira (*et al*, 2019) sobre a violência contra a mulher no Maranhão ao afirmarem que as agressões estão relacionadas e uma denúncia de violência física também está atrelada a situações de desvalorizações contínuas, imposição de condutas degradantes, restrições, culpabilização e etc., características de violências psicológica e moral, o que explica ambas as violências como as mais denunciadas.

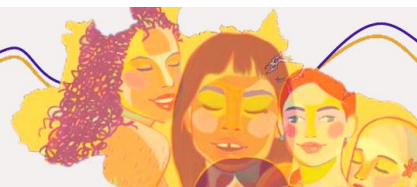


Gráfico 1 – Tipos de violência contra as mulheres, conforme a 1ª e 2ª

VEVDFM

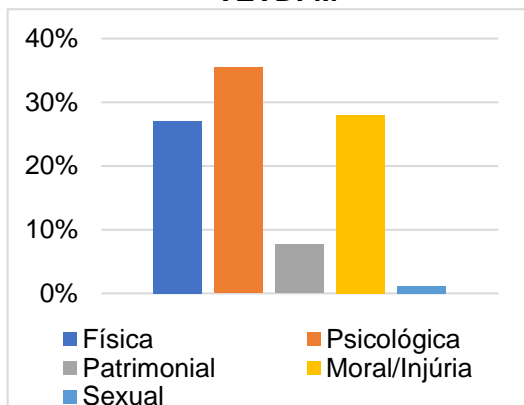
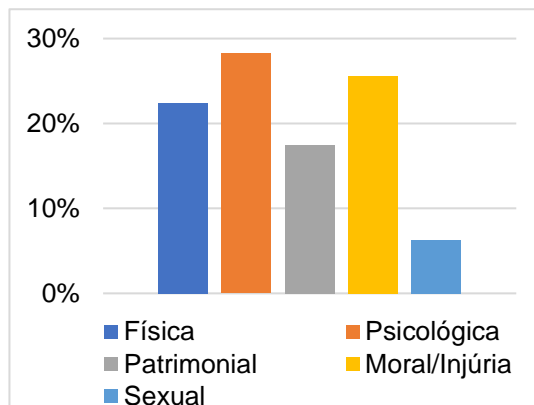


Gráfico 2 – Tipos de violência contra as mulheres, conforme o CRAM



Fonte: VEVDFM e CRAM (Elaborado pela autora, 2023).

A quarta tipologia de violência, aquela cometida contra a propriedade material da vítima, pode ser motivado, entre outros, por ciúmes, disputa de bens, inconformismo com o fim do relacionamento ou negação da realização de alguma ação por parte da vítima. Também ocorrendo intercalado às outras violências, em geral, mulheres que tentam proteger seus bens se tornam alvo dos agressores, que seguem com as violências psicológica, moral, física ou sexual.

De acordo os dados do CRAM, que oferecem apoio psicológico para mulheres vítimas, transtornos pós-traumáticos, como sintomas depressivos, ansiedade generalizada, fobias, transtornos de pânico, transtorno obsessivo-compulsivo, baixa autoestima, sentimento de culpa, consumo excessivo de álcool ou outras substâncias psicoativas, surgimento de ideação suicida, sofrimentos e sensações de desamparo e choro constante, medo, desesperança e inadaptação global são alguns dos sintomas observados que atingem o cotidiano daquelas que sofreram violências.

O lugar onde ocorreu a agressão constitui fator de agravo para as violências e gera consequências nas dimensões físicas, sexuais e psicoemocionais para as mulheres. Os dados asseveram a predominância das agressões ocorridas na casa (67%), seguido dos espaços públicos, em especial a rua (17%), locais de trabalho, estudo, lazer ou espaços virtuais (12%) e na casa de familiares (4%).

A casa foi utilizada como local principal para a prática das violências, espaço que remete à um lugar ou ambiente privado, fora do olhar e do conhecimento de familiares, amigos, vizinhos ou outros e, ainda, considerado socioculturalmente como

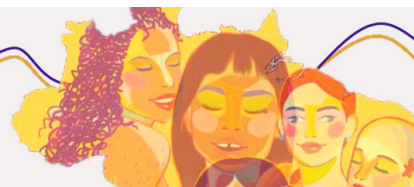


um espaço particular aos seus residentes e, por essa razão, com maiores possibilidades de serem utilizados como espaços de perpetuação de violências (LAN, 2009).

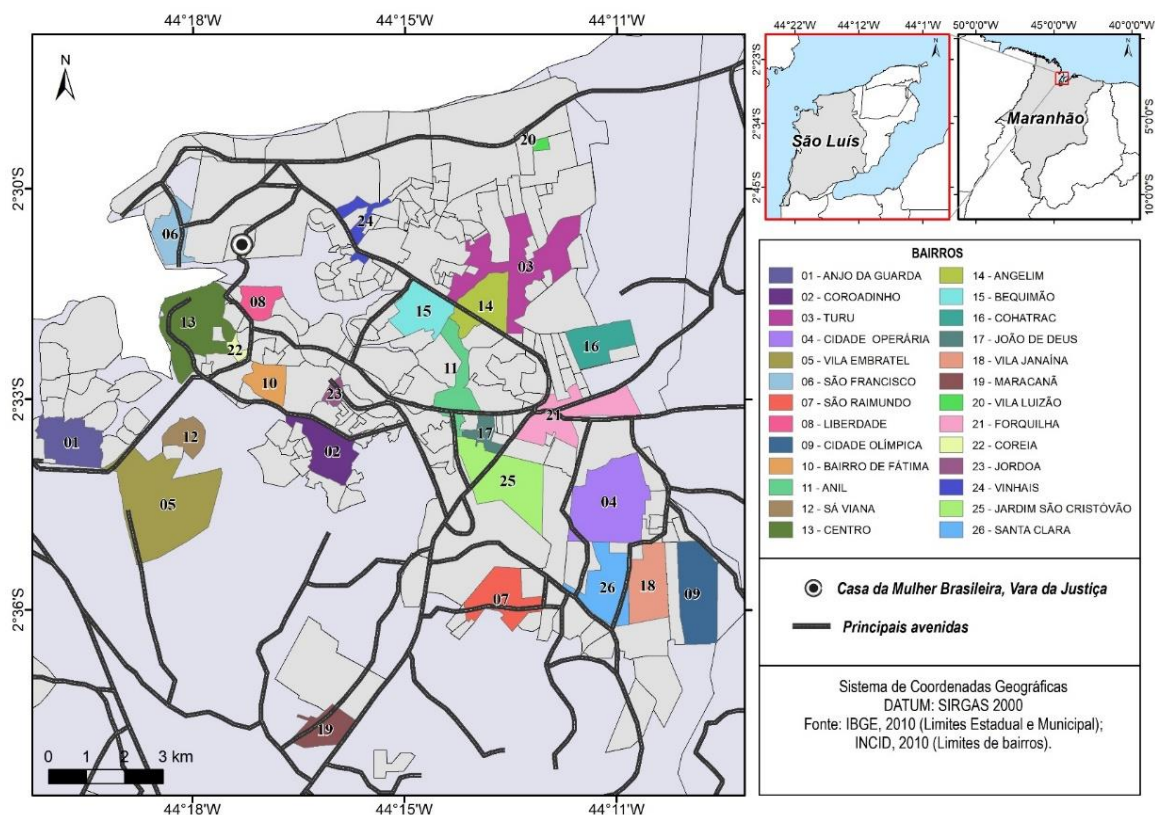
Segundo Colombara e Pelizzari (1999), apenas no espaço da casa, há diversos fatores que podem incrementar o risco potencial de ocorrer a violência doméstica ou intrafamiliar, entre eles, estão o tempo em que os familiares estão juntos e suas interações sociais; o número de tópicos e atividades de interesse em comum; a intensidade dos laços interpessoais; o estresse atribuído ao ciclo de vida, a mudanças econômicas e entre outros.

Cabe destacar a possibilidade de ocorrência de mais de um local na prática do ato violento, explicado por situações em que a vítima deixa o ambiente doméstico para buscar ajuda e o agressor inicia sua perseguição ou, quando em situações e lugares diferentes, o agressor, ao confrontar a vítima, inicia a prática da violência. Nos diferentes espaços, as violências realizadas contra as mulheres incidirão em diferentes formas de usos e apreensões dos lugares por elas, levando a mudanças comportamentais.

Compreende-se que as violências praticadas contra as mulheres refletem também as segregações social e espacial existentes na cidade. Nesse sentido, apresentamos no mapa de localização da cidade de São Luís os bairros com maiores quantitativos (em ordem numérica) de denúncias de violências não letais em 2018.



Mapa 1 – Bairros onde ocorreram denúncias de violências em 2018

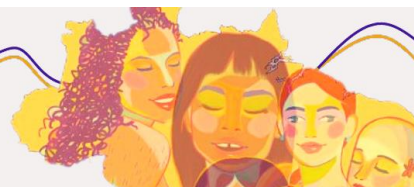


Fonte: 1ª e 2ª VEVDFM (Elaborado pela autora, 2022).

O mapa apresenta o número absoluto de denúncias por bairros, correspondente aos processos distribuídos entre os meses de janeiro a abril de 2018 a partir de boletins de ocorrências que incidiram em pedidos de MPUs. É possível notarmos a predominância de bairros localizados no centro geográfico e mais ao sul da capital maranhense, situados na região rural e caracterizados pela periferização em relação ao acesso aos serviços públicos básicos e pela pobreza urbana.

A maioria dos bairros destacados no mapa, citados ao longo dos 10 anos de pesquisa da Vara de Justiça, são considerados de padrão socioeconômico mais baixo, a exemplo do “Anjo da Guarda”, “Coroadinho”, “Cidade Operária”, “Vila Embratel”, “São Raimundo” e “Liberdade”; mas há, também, os que podem ser declarados de classe média, como o “Turu”, “São Francisco”, “COHATRAC” e “Vinhais”. O bairro “Maracanã”, localizado pelo número 19 no mapa, está compreendido no agrupamento de bairros considerados de classe baixa, situado na Zona Rural de São Luís.

Destacamos no Mapa 1 a Casa da Mulher Brasileira, no bairro Jaracaty, criada, em 2017, com o objetivo de integrar, em um só espaço, serviços especializados para os mais diversos tipos de violências contra as mulheres, oferecendo apoio, como



atendimento às vítimas e encaminhamentos aos demais órgãos públicos da rede de proteção. Entretanto, a sua localização geográfica pode ser inacessível para algumas mulheres, dependendo do bairro de suas residências e de sua condição econômica, podendo levar a subnotificações de casos na cidade.

Autoras como Bondi (1992), Lan (2009), Taylor (2011) e entre outras afirmam que, por mais que o problema da violência contra as mulheres seja “democrático”, impactando o universo feminino independente de classe social, cor da pele, religião, idade e entre outros, esse fenômeno não está distribuído na mesma proporção entre todas as mulheres, visto a omissão do Estado em bairros periféricos caracterizados pela defasagem permanente de serviços públicos essenciais, exacerbando os casos de violências de mulheres de segmentos populacionais pauperizados e de baixa renda.

Compreende-se, deste modo, que as violências contra as mulheres estão distribuídas entre os bairros ludovicenses, expressas, principalmente, nas regiões periféricas da cidade. Entretanto, deve-se considerar ainda que há subnotificações que podem mascarar a realidade do problema. Concebe-se que esse fenômeno, naturalizado e enraizado na sociedade brasileira, atrelado às conjunturas de violência urbana, em acordo com os aspectos socioculturais, modificará as relações socioespaciais de mulheres, estabelecendo mudanças em suas práticas cotidianas, suas formas de ser nos espaços e em buscar ajuda oficial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As análises pontuadas nos permitem compreender que a violência de gênero é um fenômeno complexo, visto que sua carga histórica, cultural, social, política e econômica oferece diferentes compreensões e interpretações, tornando-se um tema multidisciplinar. A discussão a partir da ciência geográfica, proposta neste trabalho, nos possibilitou investigar o fenômeno da violência contra as mulheres, suas influências nas relações socioespaciais e sua distribuição nos bairros de São Luís a partir dos casos denunciados pelas vítimas, que reiteram a persistência de mecanismos que colaboram com a manutenção da submissão da mulher na sociedade, na naturalização dos atos violentos cometidos contra elas e na redução da sua cidadania.

Entendemos que o fenômeno da violência possui dinâmicas particulares e específicas de cada espaço e carrega simbolismos atinentes a diferentes estruturas socioculturais. O enfrentamento da violência comporta multidimensionalidade, dentre as quais o monitoramento através da espacialização dos casos com o uso dos SIGs.



Consideramos que a utilização dessa ferramenta ainda é incipiente entre os órgãos de segurança pública do Maranhão no monitoramento das políticas públicas contra as violências de gênero. Esperamos, dessa forma, que este trabalho possa auxiliar como ferramenta para futuras discussões sobre a temática em questão e que possa ser contributiva nas discussões sobre violência de gênero e para ampliar o combate às violências contra as mulheres no Maranhão e no Brasil.

REFERÊNCIAS

- BONDI, L. Gender symbols and urban landscapes. *In: Progress in Human Geography*, v.16, n.2, p. 157-170. Edinburgh: SAGE Publications Ltd., 1992.
- COLOMBARA, M.; PELIZZARI, V. Violencia Doméstica: ¿cuestión privada o pública? – su estado em América Latina. *In: Primeras Jornadas Latinoamericanas de Género y Geografía*. Buenos Aires: Universidad de Lomas de Zamora, 1999.
- FERREIRA, M. M. *et al. Violência contra a mulher e feminicídio no Maranhão: uma realidade a ser superada*. São Luís: EDUFMA; Fórum Maranhense de Mulheres, 2019.
- GÓES, E. D. A. A vergonha social e o medo: obstáculos para a superação da violência doméstica contra a mulher. *In: Brazilian Journal of Development*, v. 5., n. 11., p. 23627-23645., Nov. Curitiba: BJP Ltda, 2019.
- LAN, D. Genero y territorio: la violencia doméstica en espacios de vulnerabilidad y exclusión social – notas a partir de un caso en Argentina. *In: SILVA, J.M. (org.). Geografias Subversivas: discursos sobre espaço, gênero e sexualidades*. Ponta Grossa: Todapalavra, 2009. p. 281-300.
- ROSE, G. **Feminism and Geography**: the limits of geographical knowledge. Cambridge: Polity Press, 1993.
- SILVA, J. M. Um ensaio sobre a potencialidade do uso do conceito de gênero na análise geográfica. *In: Revista de História Regional*, n.8, v.1, p. 31-45, Dez-Fev. Ponta Grossa: UEPG, 2003.
- SIQUEIRA, L. A. **Por onde andam as mulheres?: percursos e medos que limitam a experiência de mulheres no centro de Recife**. 2015. 161 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2015.
- TAYLOR, A. **A Mulher e a Cidade**: examinando os impactos de gênero de violência e urbanização. Brasil: Actionaid International, 2011.